

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, FEVEREIRO/2018 - ANO XXII - Nº 253

EDITORIAL

A violência alarmante que levou o governo federal a decretar intervenção na Segurança Pública do estado do Rio de Janeiro é uma medida extrema para combater o crime organizado.

A situação limite vivida pelos fluminenses se repete em graus variados por todo o país e evidencia a falta de governo e a substituição do Estado por um poder paralelo formado por delinquentes. A falta de segurança é reflexo de um problema maior, que é a falência moral do sistema político. Observamos, no dia a dia, políticos focados apenas no poder, dando as costas para quem os elegeu. Deixam de pensar as cidades, os estados ou o país. Trabalham e conluiam visando somente a se perpetuar no cargo ou se articulam para derrubar os que não pactuam com o malfeito. A pauta de nossos políticos é sempre a reeleição, a fim de se apoderarem, por meio do voto, de cargos majoritários e deles se beneficiarem. Legislam em causa própria e passam o mandato sem propor uma ação sequer voltada para a população. Suas propostas e ações são pequenas, causam vergonha a qualquer cidadão mais esclarecido.

Assim o país vem navegando nas últimas décadas: com parlamentares medíocres! Com isso, a população, entre tantas carências, ficou à mercê de criminosos que ocuparam o vazio deixado pelo Estado. No caso do Rio de Janeiro, uma intervenção total, e não apenas na segurança pública, poderia ser decretada, pois vivem um caos também a saúde, a educação e a justiça daquele estado.

É difícil dizer qual caminho para equacionar tão graves problemas, pois não há estudo ou planejamento que embasem as tomadas de decisão. Evidenciamos apenas improviso e conversa fiada de políticos. A antiga capital federal vê-se submersa em um oceano de lama, mergulhada em profundo e escandaloso processo de putrefação institucional, ético e moral, com um estado completamente falido, ex-governadores atrás das grades, milícias e mortos tomados pelo crime organizado. Enquanto isso, a população está aterrorizada e é castigada há décadas por serviços públicos de vergonhosa qualidade.

Foi decretada a intervenção federal na Segurança do Rio de Janeiro. Não há, porém, solução mágica. O Rio de hoje pode ser o Brasil amanhã. O Cristo Redentor, de braços abertos sobre a Guanabara, observa o estado de degradação absoluta que atinge o principal cartão postal do Brasil.



Reprodução da Internet

A superação da violência, condição para a cultura da paz, exige comprometimento e ações envolvendo a sociedade civil organizada, a Igreja e os poderes constituídos, visando à formulação de políticas públicas que assegurem a vida e o direito das pessoas a uma sociedade mais justa e fraterna.

A fraternidade e a cultura da paz

Durante a semana do Carnaval, os meios de comunicação expuseram, entre a passagem de um bloco e outro, para assombro dos brasileiros e do mundo, a ponta de um iceberg que há anos ameaça nossa sociedade. A crescente onda de violência que vem dominando as grandes cidades e que já chegou ao interior do país atingiu limites inimagináveis. Uma verdadeira guerra civil foi mostrada ao vivo e em cores na cidade berço do Carnaval, o Rio de Janeiro. Bandidos ostentando armas de grosso calibre praticavam os mais diversos atos de delinquência à plena luz do dia, colocando para correr policiais desarmados que não tinham como lhes fazer frente.

Estatísticas mostram que, no Rio, diariamente, são mortos tanto policiais quanto civis, numa guerrilha urbana que tende a crescer. Por trás do caos instalado está a corrupção, em todos os níveis e o desmonte desse estado corroído pelo desgoverno de décadas. A corrupção do aparelho estatal levou à ausência de políticas públicas, o que concorreu, definitivamente, para o caos atual. A banalização da violência chegou a extremos. Crianças, idosos, donas de casa, comerciantes, policiais... ninguém está a salvo da sanha de marginais, que passaram a ocupar os espaços onde o governo deveria estar presente.

Por trás do crime organizado e do narcotráfico estão a corrupção endêmica do setor político e o descumprimento de leis. Quando a população vê as mais altas autoridades do país envolvidas em falcaturas, desvios e roubos de todas as espécies, se

sente órfã, desamparada pelos que deveriam protegê-las e ser exemplo.

Estudos apontam para os números crescentes e alarmantes da violência também no restante do país. A sensação de insegurança que vivem os brasileiros mostra a necessidade de reflexão sobre o tema. Mostra, também, a carência de maior comprometimento das autoridades políticas. O engajamento de toda a sociedade num trabalho diário em prol da cultura da paz tem que ser imediatamente iniciado e deve começar em cada casa, com o empenho de cada família.

Os caminhos para a superação da violência no Brasil estarão em discussão neste ano, por meio da Campanha da Fraternidade, iniciativa que pretende reforçar a cultura da paz não somente na comunidade católica, mas em toda a sociedade.

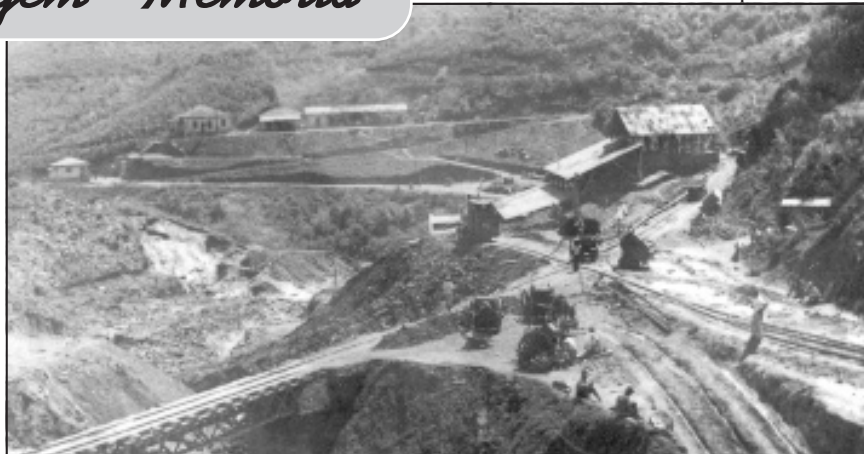
Todos os anos, a Campanha da Fraternidade é vivenciada na Quaresma, mas se estende por todo o ano iluminando todas as atividades da Igreja Católica. Neste 2018, a Campanha aborda o tema “Fraternidade e a superação da violência” e tem seu lema inspirado no Evangelho de Mateus: “Vós sois todos irmãos” (Mt 23, 8). Se somos todos irmãos, como permitimos nossa sociedade chegar a tal grau de violência?

A superação da violência, condição para a cultura da paz, exige comprometimento e ações envolvendo a sociedade civil organizada, a Igreja e os poderes constituídos, visando à formulação de políticas públicas que assegurem a vida e o direito das pessoas a uma sociedade mais justa e fraterna.

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória

Nas fotos, trabalhadores na “Mina Piquete”, em Ouro Preto, na década de 1940.



A mina de pirita da Fábrica de Piquete

Poucos piquetenses sabem, mas, entre as cidades mineiras de Ouro Preto e Mariana havia uma jazida de pirita conhecida como “Mina Piquete”. O produto dessa mina abasteceu, até o final da década de 1960, a produção de ácido sulfúrico da Fábrica Presidente Vargas.

A pirita é um desses minerais que, com o avanço da tecnologia, tornou-se prioridade para a indústria bélica, atingindo a condição de “mineral estratégico”.

Com a instalação da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, em Piquete, em 1909, a aquisição da pirita tornou-se fundamental. Era a principal matéria-prima para o fabrico do ácido sulfúrico. A necessidade desse minério passou a merecer cuidado especial e a única fonte nacional produtora era a jazida de Ouro Preto, cujas minas produziam desde 1915, mas eram consideradas de viabilidade econômica bastante limitada.

Por essa época, o ácido sulfúrico havia se tornado um produto vital para a indústria bélica, particularmente na manufatura de explosivos e propelentes. Fazia-se necessário, então, tornar rentável sua fabricação nacional em volume suficiente para atender à produção bélica, mesmo sendo mais cara em relação ao ácido obtido do enxofre importado.

Nessa ordem de ideias, desde 1918 o Exército dispôs de instalação adequada à produção de ácido sulfúrico a partir da

pirita nacional, com capacidade para atender às exigências das Forças Armadas. A questão da pirita passou a receber cuidado especial em função da necessidade, cada vez maior, da fabricação de explosivos pela fábrica de Piquete. Havia necessidade de sua nacionalização.

O ácido sulfúrico é um produto de largo emprego na indústria, especialmente no preparo de pólvoras e explosivos, em que figura como elemento indispensável às reações químicas que se processam no início da operação. A fabricação industrial se efetua seja utilizando o enxofre, seja empregando a pirita, minério que se encontra na natureza, como matéria-prima.

No Brasil, não existindo enxofre em seu território que permitisse sua utilização fácil e pouco dispendiosa na produção do ácido sulfúrico, fomos obrigados a utilizar a pirita nacional, abundante em Ouro Preto. Na indústria particular, na qual é visado exclusivamente o interesse econômico, é natural que se procure fabricar ácido sulfúrico a partir do enxofre como matéria-prima. No Exército, porém, em sua fábrica de Piquete, a FPV, cuja finalidade primordial era produzir material de guerra para a defesa nacional, as necessidades estratégicas deveriam predominar sobre as econômicas. Daí a preferência pela pirita.

Foi grande o esforço do Departamento Técnico do Exército para tornar realidade

efetiva a exploração industrial da pirita no Brasil. Primeiramente, a partir de 1925, a diretoria da fábrica em Piquete procurou incentivar três empresas que, por aquela época, se organizaram em Ouro Preto para explorar o minério. Não tendo conseguido que as mesmas prosperassem apesar dos constantes auxílios econômicos proporcionados, a Fábrica, em 1944, solicitou do governo a desapropriação das minas em exploração a fim de, mediante concorrência pública, entregá-las a uma firma idônea e capaz de assumir a responsabilidade dos trabalhos de mineração. Não logrou êxito, pois, nas três concorrências realizadas, nenhuma empresa apresentou-se em condições satisfatórias. Foi, então, decidido pelo Ministro da Guerra efetivar a desapropriação da única mina em atividade e entregá-la à Fábrica Presidente Vargas para que fosse explorada diretamente.

Foi essa, sem dúvidas, a medida mais acertada. A jazida de Ouro Preto, conhecida, como a “Mina Piquete” produziu e forneceu para a Fábrica até o final da década de 1960. Foi considerada uma das melhores jazidas de pirita do Brasil, com uma reserva estimada de 10 milhões de toneladas. A produção mensal era de aproximadamente 150 toneladas, grande parte delas direcionada para a FPV e transportada para Piquete via Estrada de Ferro Central do Brasil, num percurso de 622km.

GENTE DA CIDADE

Célio Catrica

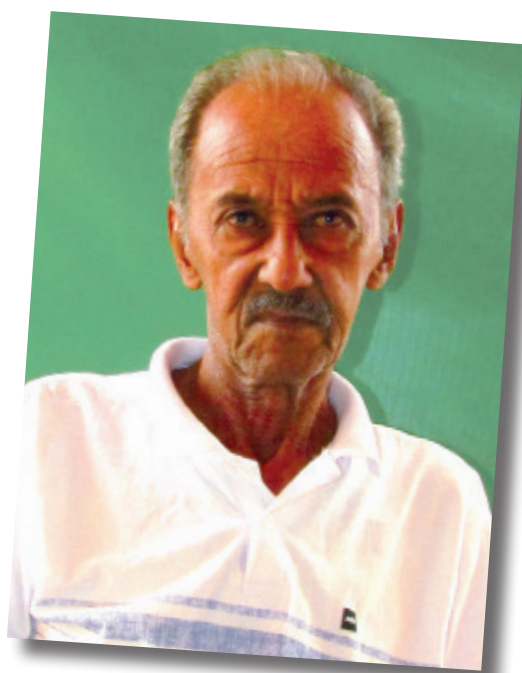
Célio José Lima, nascido em 9 de fevereiro de 1933, é o mais velho dentre os seis filhos do casal Dijanira Maria da Silva Lima e Pedro de Lima. Do pai herdou o apelido Catrica, pelo qual é conhecido desde a infância. O Catrica pai é conhecido por ter sido um dos melhores jogadores do Estrela Futebol Clube. O Catrica filho seguiu os passos – ou os dribles – do pai.

Voltando um pouco no tempo: Catrica estudou no Grupo Escolar Antônio João. Cita como referências daquele período as professoras Leonor e Celencina Guimarães e como colegas Alaide, filha do Serafim Moreira, Wanda Motta e Maria Ribeiro... O futebol fazia parte da rotina de moleque: “As peladas eram diárias... Jogava descalço... E joguei em todos os times da cidade...”, relembra relatando as características dos jogos de rua das crianças de sua época. Os amigos lembrados foram: Floriano, Paulinho Nanico, Antônio dos Santos, Ubirajara...

Como não podia deixar de ser, queria jogar no Estrela. Ingressou no Infantil e, com cerca de quinze anos foi para o time principal do Estrela: “O Coronel Michel, dirigente do Estrela, me viu jogando e pediu minha transferência para o time principal”, conta.

Catrica foi por muitos anos o pontadireita do Estrela. Foi como jogador dessa vitoriosa equipe piquetense que conheceu inúmeras cidades do Vale do Paraíba, do Sul de Minas e de todo o estado de São Paulo... Uma das mais memoráveis histórias é sobre o vice-campeonato estadual amador, conquistado após derrota para o Brasil, de Paraguaçu Paulista, cidade para qual quase toda a equipe foi de avião, a partir de São Paulo. “Foi uma semana fora de casa... Em três jogos chegamos à final, mas perdemos para o Brasil... Aquela foi, sem dúvida, uma das melhores equipes do Estrela”, afirma, com os olhos brilhando.

Célio ingressou no Ginásio Industrial, mas largou o curso no terceiro ano: “Sabe como é, né?! Eu queria ganhar um dinheiro pra poder ajudar em casa, mas também para minhas despesas de jovem...”, diz, meio



encabulado. Saiu e logo arrumou emprego. Quando chegou a época de servir ao Exército, serviu no Contingente da FPV. Relata que não havia rotina, pois tinham que proteger toda a Fábrica Presidente Vargas. Os turnos eram para vigiar a Vila da Estrela, os escritórios, a cantina, os grupos de produção...

Em 1956 ingressou na FPV. Seu trabalho era dar manutenção em móveis e outros utensílios de madeira com verniz. Especializou-se. “Eram várias cores e tonalidades... Cada peça era única e exigia muita dedicação. Nossa equipe tinha uma programação a ser seguida e não parávamos... Conheço todas as casas da Vila Militar, pois era nossa responsabilidade manter a beleza dos móveis”, afirma. A qualidade de seu trabalho era reconhecida. Tanto que, após a aposentadoria da FPV, em 1982, continuou a atuar na cidade. “Àquela época ainda havia muita procura por esse trabalho... Hoje, os laqueados tomaram conta...”, finaliza, olhando para os móveis da cozinha de sua casa.

Catrica casou-se, após dois anos de namoro, em 22 de outubro de 1960, com Mirthes Chaves, com quem teve seis filhos que lhes deram quatorze netos e dez bisnetos. A família é seu porto seguro e é nela que se apoia. “Sempre ao lado de minha esposa”, faz questão de destacar.

Célio Catrica integra o seletor grupo de cidadãos diretamente ligados às principais referências do município: funcionários da FPV por décadas e jogadores do Estrela Futebol Clube... Mais piquetenses, impossível!

Conhecimento cidadão

Laura Chaves

A formação do cidadão é um dos fins da educação brasileira. Pelo menos, é o que diz a legislação que a formaliza. A história do Brasil, desde sua ocupação, viveu revoluções, crises políticas, golpes militares, lutas de classes, e, em quase todos esses movimentos, foi prometida aos brasileiros a conquista da cidadania. Mais recentemente, em 1988, foi anunciada a “Constituição Cidadã”.

Assim, a pergunta que se faz é: Como formar cidadãos? Isto é possível no espaço da sala de aula? Como fazer?

Estas são questões que têm inquietado os educadores. Mas, no privilegiado espaço da sala de aula, algumas cenas se repetem: “Atenção! Gente, preste atenção, isto é matéria de prova. Eu não vou repetir!”

O conteúdo que se preste apenas para ser devolvido na prova é, por si só, inútil, vazio de significado. Nada tem a ver com a formação do cidadão. Portanto, a seleção de conteúdos e o tratamento dado a eles são uma opção política e têm estreita relação com a concepção que o professor tem de ensinar e aprender. A partir dos conteúdos é possível alienar ou libertar.

Tomemos como exemplo o conteúdo de Ciências referente ao estudo sobre os alimentos. Um professor pode, simplesmente, transmitir (ensinar?) aos seus alunos a classificação dos alimentos, os componentes nutritivos, as substâncias importantes para a nossa nutrição e assim por diante. Dias depois, aplica uma prova e pergunta: 1) Para que servem os alimentos? 2) Como se classificam os alimentos? O aluno responde: 1) Para restaurar a energia do organismo. 2) Em alimentos plásticos e alimentos energéticos. Nota 10!

Que tipo de aprendizagem teve o aluno? Que importância esse conteúdo tem para o desenvolvimento do cidadão? O que o aluno sabe sobre restaurar, alimentos plásticos e alimentos energéticos? Como então potencializar o conteúdo?

Entre muitas formas, pode-se, por exemplo, partir do contexto dos alunos e problematizar: Como é a alimentação diária das famílias dos alunos? Que dicas poderiam ser construídas juntas para a melhoria dos hábitos alimentares? (quantidade e variedade dos alimentos, água a ser utilizada...). Levando-se em conta a realidade da população brasileira, que vive com renda mínima, que soluções poderíamos propor para que as pessoas melhorassem sua alimentação e, com isto, tenham mais qualidade de vida (alimentação alternativa, aproveitamento de alimentos)? Qual o custo de uma alimentação saudável?

Assim, aliando as informações do conhecimento da Ciência (historicamente construído pela humanidade) e a realidade social, o conhecimento será construído por professores e alunos (ensinagem), com o compromisso de ampliar a cidadania. Uma vez desenvolvido esse trabalho, ele poderá ser estendido à comunidade por meio de palestras, cartilhas, orientações ou sugestões de cardápios e receitas. Isto exigirá um trabalho interdisciplinar, ou seja, o envolvimento de professores de diferentes áreas do conhecimento. Tudo em nome da Cidadania.

Equipe do Esporte Clube Estrela em Paraguaçu Paulista





Fotos Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Arborização urbana

“*Todos devemos escrever um livro, ter um filho e plantar uma árvore*” diz a citação popular. Todavia, com a questão do aquecimento global, plantar uma árvore é a opção mais urgente.

O alerta do aquecimento global chamou a atenção para uma questão que estava invisível na maioria das cidades brasileiras – a arborização urbana. Há que se perceber que as árvores trazem benefícios para as cidades e que preservá-las é a melhor maneira de se garantir esses benefícios.

O respeito pela natureza deve ser ensinado e aprendido ainda na infância. Plantar uma árvore e dela cuidar observando seu crescimento, deveria ser uma prática de todos. A educação ambiental deveria ser matéria obrigatória e desenvolvida nas escolas e estendida por toda a vida.

A consciência ambiental concorre para harmonizar o ambiente e para a melhoria da qualidade de vida. As árvores são colírios para os nossos olhos. Contudo, os benefícios proporcionados pela arborização urbana não se restringem a esse. As árvores possuem

as mais variadas funções: purificam o ar ao reter gás carbônico (CO₂), melhoram o microclima da cidade retendo umidade do solo e do ar, colaboram com a diminuição das poluições visual e sonora, oferecem proteção contra ventos e chuvas fortes reduzindo a velocidade de ambos, absorvem os raios solares e oferecem sombra para os transeuntes, favorecem a infiltração de água no solo evitando enchentes, são abrigo e fornecem alimentos para a fauna e a flora diminuindo pragas e colaborando com o equilíbrio do ecossistema, evitam a erosão do solo...

Gradativamente, com a conscientização da necessidade de se preservar o meio ambiente, a tendência é que mais ações aconteçam visando a colaborar para a amenização do aquecimento global e a redução do número de pessoas com doenças psiquiátricas e do sistema respiratório. Daí a necessidade, cada vez maior, do engajamento da sociedade visando a conservar nossas encostas e fragmentos de florestas e à elaboração de projetos para restaurar áreas degradadas.

Mensagem do além

Morri alguns meses atrás. Não sei se conto o tempo corretamente daqui de onde estou. Aqui ele não existe e contar o inexistente é irrelevante, além de inútil. Resolvi, porém, escrever algo por esse meio – afinal um estafeta serve para entregar mensagens. Não que seja inovador, visto que muita gente já escreveu, falou ou demonstrou o que foi apenas inspiração (muitos dizem que divina). Alguns estavam quase certos. Outros apenas especularam. Mas a verdade é bem diferente. Como escrevi logo no início, aqui o tempo não passa. Sequer o tempo tem seta. Passado e presente não existem. Só há um momento contínuo, em que tudo se compõe em um ‘um’. No chão, abaixo do solo, jaz o que foi meu corpo. Quase decomposto por seres que o transformam e ainda transformarão. Minhas moléculas e átomos são transferidos para outros seres que levaram e levarão um pouco do que fui. O que fui se dissolve e se torna terra. Revertere ad locum tuum. Percebo que fui e serei poeira de estrelas. Um dia o Sol que aquece seu corpo se expandirá. Tão gigante ficará, que engolirá a Terra. Aquilo que fui e que você é em átomos e moléculas voltarão a ser poeira cósmica. O corpo será universo novamente. E quando a expansão do universo cessar e tudo encolher num ponto, a matéria que fomos se unirá num ponto singular. Todas nossas partículas de matéria, já inúteis de sem vida, se unirão num infinitésimo de universo. Um pequeno bura-

co negro que poderá disparar um novo big bang. Mas o que isso importa? Aqui de onde estou aprendi que o que me restou foi a alma. Anima. Assim como aprendi que a matéria se comporta no macro de forma diferente que no micro, aqui aprendi que coexistem por um tempo a alma e a matéria. Tempo esse que aprendemos a chamar de vida. Mas só durante esse tempo estarão juntos. Aqui a matéria é desnecessária. Somos de todo o jeito e de jeito nenhum. Temos algo que é um corpo etéreo. Mas não há matéria ou partículas. Existe uma unidade em todas as almas. Sou e sinto todas as outras. Tornamo-nos um conjunto união. Não há intersecção de almas. Somos indivíduos e o todo simultaneamente. E a Alma Criadora nos preenche e nos engloba. Quando estava por aí, o corpo dominava a alma. De quando em vez, percebia que havia em mim algo mais. Mas os desejos do corpo sobrepujavam a alma. E eu apenas vivia esses pequenos lampejos do eterno. Eu os via e sentia nos atos de amor e só neles. Agora só há a alma. Só há o eterno. E talvez você que aí está não perceba, dado que mantém seus desejos como eu os mantinha, mas daqui sou participante de sua alma. E você da minha. Mas sua alma, diferente da minha, sucumbe à prisão do tempo e do espaço. E somente o rito de passagem libertará aquilo que verdadeiramente você é. Tive medo, é claro. Quem não teria? Mas a libertação é como um nascimento. Escuro, estranho,

opressor e temido. Mas estar aqui é! Não me pergunte “é o quê?”. Apenas é! Sabe todas as perguntas que você faz? Todas as dúvidas? Todas as incertezas? Aqui não são mais necessárias! Não há mais perguntas, nem medo, nem dúvidas. É como um turbilhão de emoções e hormônios que temos quando ainda estamos por aí. Lembra-se de seu primeiro beijo? Aqui é sempre! Ainda que não exista o “sempre”, pois o “sempre” exige o tempo. Aqui tempo é inexistente! Quando os cientistas descobriam coisas maravilhosas e estranhas ficavam querendo sempre novas explicações. Um elétron estar em dois lugares ao mesmo tempo. A dualidade onda partícula. A última partícula que compõe a matéria. Tantas perguntas! Boas para entender a matéria. Ineficazes para entender a alma. Minha intenção não era descrever o que aqui é ou o que aqui se sente. Dizem que só se pode saber o sabor de uma laranja quando se chupa uma delas. Não é? Aqui é o mesmo! Mas uma coisa devo dizer para sua alma, não ao seu corpo: você é única, mas é também coletiva. Se você faz o bem para alma de outro, você o faz para você mesmo. Mas se faz o mal a qualquer uma delas, todas as almas sofrem. O sofrimento de sua alma é o mesmo que se impõe a todas as demais. Faça o bem! Ame muito! Estou com você e você comigo. Deus nos envolve e é um conosco. Ainda que não sinta.

Luiz Flávio Rodrigues

Uma intervenção política

O presidente Michel Temer nos forneceu, no mês de fevereiro, um bom exemplo do que se chamar de populismo: Em vistas de potencializar as hoje minúsculas chances de se apresentar como candidato viável à Presidência, em outubro, o político abandonou o grande carro-chefe de sua impopularidade – a proposta de Reforma da Previdência – e adotou uma proposta de larga aprovação popular – a intervenção federal na segurança pública carioca. Sem nenhum respaldo de especialistas no tema e tampouco expondo um plano estratégico de combate à violência, o presidente jogou com a opinião pública, muitas vezes envenenada pelas soluções simples aos problemas complexos, e decretou a intervenção no estado.

Que o problema da violência no estado do Rio de Janeiro é grave, ninguém duvida. Mas, como mostrou o jornal Folha de S.Paulo em matéria publicada no domingo (25/02), a questão não é exclusividade carioca. Na verdade, em algumas capitais a situação pode ser considerada até mais grave do que a fluminense. Citando os dados de 2016 do Fórum Brasileiro de Segurança Pública,

o jornal paulista mostrou que, apesar de o Rio de Janeiro liderar, em números absolutos, o ranking de assassinatos em capitais, a cidade fluminense só é a 21ª capital no número de mortes violentas para cada 100 mil habitantes, que é de 22 mortes. Porto Alegre, no Sul, tem 55 para cada cem mil, e a líder do ranking, Aracaju, tem 66 – três vezes o número do Rio de Janeiro.

Como revela a matéria, em que pese a similaridade geográfica dos assassinatos – acontecem nas regiões periféricas, sem chamar a atenção da mídia – a peculiaridade do Rio de Janeiro reside no fato de que crimes como roubo e as interdições de vias por conta de tiroteios se concentram, justamente, na Zona Sul da cidade, onde vivem as elites econômicas. Como reconhece a própria Folha, um tiroteio numa região central tem um impacto midiático muito maior que um assassinato em uma zona periférica da cidade; daí a atenção desproporcional que recebe o Rio de Janeiro se comparado com o resto do país.

A escolha pela intervenção no estado carioca, em detrimento de outros estados com índices muito mais graves, portanto,

reforça o caráter eminentemente político e pouco técnico da medida. O objetivo de Temer não é oferecer ao país um caminho para o combate à violência urbana, mas sim ganhar a simpatia do eleitor amedrontado que tem colocado na segurança pública a centralidade do debate político. Não nos enganemos com possíveis resultados positivos a curto prazo. A presença do Exército no estado pode colocar na defensiva o crime organizado, mas não atacará as raízes desse complexo problema, que se estendem da alta taxa de desemprego do país, passa pelo desmonte da educação pública no estado e chega a ineficaz política de guerra às drogas que, hoje, por si, já é absurdamente mais letal que as próprias substâncias.

A intervenção, se pode cumprir algum papel positivo, será o de mostrar à população que não há fórmula mágica para o trato de problemas complexos como o da segurança. A saída, por certo, começa por um plano estratégico que tome em vista as diversas variáveis sociais que estão na base do problema. Nesse caso, rejeitar “salvadores da pátria” é um ponto de partida.

Rafael Domingues de Lima

O Carnaval 2018 em Piquete

Animado com blocos e conjuntos musicais, o Carnaval de Piquete, neste ano de 2018, levou muita gente para a Praça Duque de Caxias. A “Pracinha” ficou lotada com foliões que puderam brincar e se divertir em segurança durante os quatro dias de folia.

O “Bloco do Pijama”, já tradicional na cidade, arrastou uma multidão atrás do seu caminhão de som. Também o “Bloco do Barbosa”, de São Luiz do Paraitinga, compareceu, desfilando mais uma vez na avenida de Piquete. Como vem acontecendo todos os anos, muita gente acompanhou cantando a conhecida marchinha, o carismático motorista Barbosa. As crianças, especialmente, fizeram a festa.

Diferentemente de décadas passadas, não acontecem mais os grandes bailes de Carnaval nos salões. O Elefante Branco e o Grêmio

General Carneiro agora veem os piquetenses se divertirem na Praça Duque de Caxias, que guarda muito da cultura de nossa cidade. Lá estão garantidos espaço e segurança para os foliões, que podem se esquecer dos problemas e curtir a festa. Neste 2018, assim como nos anos anteriores, a administração municipal proporcionou estrutura para os conjuntos musicais que garantiram a animação em todas as noites.

Há que se ressaltar a tranquilidade do Carnaval de Piquete: famílias inteiras se misturam aos jovens em uma diversão saudável, sem registros de violência.

O Carnaval é uma festa do povo e como tal deve ser preservada. Parabéns aos organizadores e aos foliões!



Crônicas Pitorescas

O sono do guerreiro

Palmyro Masiero

Recebi missiva de um leitor expondo-me seu problema e solicitando algumas palavrinhas que pudessem ajudá-lo a resolver o que lhe atormenta.

Olha, meu amigo, se palavra escrita ajudasse, os homens nunca teriam saído da linha depois de escritos os livros santos. Mas tá a bagunça... Confesso que nunca havia notado seu problema pelo prisma que você me apresentou e sinto que realmente é uma barra!

Leiam vocês um trecho da carta dele:

“Chego em casa pela sete horas, pois pego no batente às dez da noite. Tenho oito filhos e nem tento deitar-me antes que os que vão para a escola se aprontem. Não deixa de ser um ligeiro terremoto essa aprontação! Meu quarto fica ao lado da sala, com a janela dando para a calçada. Casa de construção antiga, mas é a que tenho. Deito-me, exausto, com a intenção de puxar aquele ronco! Pois sim!

Quando consigo chegar na transição entre o absoluto do acordado e o indefinido da modorra, na rua passa um motoqueiro de escapamento aberto e que acelera embaixo da janela. É um baita de um salto na cama! O maior susto! Desgraçado! Novas viradas na cama, arranjos no travesseiro... A boca abre-se querendo engolir o mundo. Não! Não! Não! Minhas duas vizinhas, que se encontram há anos, meses, semanas, dias, horas, minutos e segundos, resolveram falar da vida alheia coladas à minha janela! Porque essas malditas linguarudas não vão mugir nos respectivos currais? Esconjuradas!

Só penso em dormir... Abomináveis moscas a passearem sobre mim! Deito-me sempre limpo! Tomo banho na fábrica antes de vir! Tenho que me cobrir com calor pondo pra derreter! Agora, vem uma Kombi lá longe que, tenho certeza, vai passar por aqui tocando música numa altura infernal e com falatório no meio da chiadeira anunciando que o condenado de um supermercado vende mais barato na cidade! Diabos! Tomara que

vá à falência! Olha, passa Kombi, motoqueiro, carro, ônibus, passa caminhão, carroça, fofoqueira, só falta mesmo passar boi, passar boiada...!

A companhia parece um cuco que ficou lelê da cuca. Toca, toca, toca... Nortistas vendendo redes, angolanos oferecendo tapetes, emproados e risonhos pedindo auxílios para isso ou aquilo, pesquisador querendo saber da nossa vida... Isso tudo atendido pela empregada, que sempre se gruda na conversa e não para a trela. Demônios! Será que ninguém tem o que fazer?! Ou melhor, todos têm o que fazer em minha casa?

Onze e meia! Quase hora da chegada da leva que foi para o colégio e saída dos da tarde! Tormenta terrível! Onde está meu sapato? Quedê meu livro que tava aqui? Sai ou não sai desse banheiro? Aqui cada um só pensa em si! Calem a boca que seu pai está dormindo! Quem me ajuda na tarefa? Se não ajudar conto que “ocê” tava namorando escondida! Nojento!

Por fim, sai esse magote turbulento e chega o outro. Pra resumir, na verdade não sei a que horas desmaio. Certo momento, tudo some, desaparece...”

Ele continua com a carta e me pede ajuda. Como? Quem sou eu? Realmente, é uma grande falta de consideração para a classe corujal esse estado de coisas... Mas o que fazer? Como parar o mundo?

Vou deixar uma sugestão registrada, pra não dizer que não falei dos corujas. E direta para o Ministério do Trabalho. Este, deve baixar um ato, portaria ou sei lá o quê, obrigando toda indústria que funcione com turnos à noite a construir e manter um dia uma CSTN (sigla neste país é de suma importância): uma Colônia de Silêncio para Trabalhadores Noturnos! Paz, silêncio, ar condicionado e... sono, afinal!

Um P.S. especial: se as esposas reclamarem companhia, o problema não é da CSTN, da indústria, do Ministério, e, muito menos, meu!

O ESTAFETA:
22 anos!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

“O ESTAFETA” entra, com esta edição, em seu vigésimo segundo ano de circulação.

Sem nenhuma pretensão, a equipe deste informativo acredita estar cumprindo os objetivos a que se propôs, ou seja, colaborar com a formação cultural de nossa comunidade estimulando o exercício da cidadania. Para isso, conta com um leque de colaboradores, todos idealistas, que acreditam no potencial de nossa população e no futuro promissor de nosso município. Todos, com seus textos e pensamentos diversos, colaboram para atingir esses objetivos traçados mais de duas décadas atrás.

O acesso à educação e à cultura é direito de todos, pois concorre para o desenvolvimento integral das pessoas e da sociedade. Daí a importância de se construir o conhecimento a partir de nossa realidade, ou seja, a realidade de Piquete. Assim, “O ESTAFETA” leva aos seus leitores, mensalmente, textos que resgatam nossa história, valorizam nosso patrimônio histórico-arquitetônico-ambiental, a Literatura, a Ecologia, a política etc. Busca-se, com esses artigos, formar uma consciência crítica, provocar questionamentos e reflexões sobre nosso passado histórico, de forma que se possa analisar nosso presente e propor alternativas de soluções para o futuro. Educa-se para a cidadania!

Colaborando há quase vinte anos com a diagramação do informativo, muitas são as boas lembranças de um período em que, numa autoavaliação, evidencio meu crescimento pessoal, muito dele embasado no conteúdo dos textos que digitei e busquei entender. Isso sem falar no uso da gramática da Língua Portuguesa, que aprendi e sigo aprendendo graças às aulas do mestre Chico Máximo...

O ESTAFETA não se atém a ser um informativo. É uma fonte de memórias para os piquetenses! Que tenhamos muitas edições pela frente!

O ESTAFETA - 22 Anos



Neste mês de fevereiro, o informativo O ESTAFETA entra em seu 22º ano de circulação ininterrupta. A equipe de editoração sente-se honrada em proporcionar aos piquetenses e amigos leitura que promove a cidadania por meio da história e da cultura.

A direção do Informativo agradece a todos os colaboradores pelos artigos e pelo trabalho incansável que garante a qualidade de suas edições.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22
Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Mulheres – a outra metade

Dissolvida a memória, dissolve-se o povo (seg. Otávio Paz)

No mês de março, dois eventos marcam o cotidiano das pessoas e seu imaginário registra acontecimentos, que, por seus significados, são marcas compostas de permanências na memória piquetense.

Dia 8, o das mulheres, e dia 15, a data aniversariante da Fábrica Presidente Vargas – ou simplesmente, a Fábrica, imagem impregnada como referência básica de identificação.

Conjugadas, as duas datas nos remetem às mulheres que, como companheiras, esposas, irmãs e filhas dos operários, e elas mesmas funcionárias, têm e tiveram suas vidas pautadas pelos acontecimentos transcorridos nesses 109 anos da Fábrica, e poucos mais do município emancipado (127 anos a comemorar-se a 15 de junho próximo). É, portanto, oportunidade para lembrarmos o intenso envolvimento que as mulheres tiveram em todos os acontecimentos dados a partir da instalação, e ocorrências no estabelecimento fabril desde conviver com as expectativas, os medos (os desastres, as explosões, as mortes dos entes queridos), as angústias dos salários frente às despesas

Professoras e alunas do antigo Grupo Escolar de Piquete. Foto da década de 1940



e o número crescente de filhos, pelo menos entre as mais humildes, mas também com os eventos festivos, marciais e efusivos, os bailes, as alegrias conseguidas como amenizadoras dos sobressaltos, cada vez que um estrondo e um penacho de fumaça emergiam dos recortes serranos, da direção do estabelecimento... E então a corrida à porta do hospital, os sussurros e o aguardo das informações...

No dia a dia, indo e vindo do portão da Limeira, a levar as marmitas com o simples arroz e feijão, um pedacinho de carne (raro), um ovo frito, um torresminho...

Mas, com afeto, talvez não tanto explícito, mas presente, na dificuldade das expressões, pelo não uso, pelo recolhimento, por não ter liberdade em extravasar. Mulheres contidas, submissas, reservadas ao lar. Refletidas nas imagens sagradas em acolhimentos silenciosos. Mulheres que ao sol e à chuva, a pé, vencendo as distâncias, os suores, as lágrimas, as dores, as preocupações, venciam os caminhos e repetiam, dia a dia, a mesma rotina, quando tudo era mais difícil e primitivo. Enquanto os filhos iam à escola, quem sabe, prevendo dias

melhores. E elas, a esperar, a cumprir seus destinos, julgando não poder mudá-los. Preparadas desde a infância para serem mulheres perfeitas, companheiras de seus maridos e, passando pelo vestido de noiva e o compromisso solene, a amá-los até a morte, na doença e na alegria, somados todos os acontecimentos, com resignação, moderação, consentimentos e presenças, quando solicitadas de corpo e alma. Homenagens a essas abnegadas senhoras piquetenses, marcadoras de um tempo que não deve ser esquecido.

Partido, Pessoa ou Projeto?

Resposta: Projeto.

Por quê? Porque somente o Partido Político – ou qualquer Agremiação – que reúna Pessoas Competentes e interessadas no bem do Povo é capaz de elaborar um bom Projeto de Governo.

Toda a propaganda eleitoral deve consistir em fazer o povo conhecer o encaminhamento da realização do Projeto.

Um país sem Moeda é um país titubeante.

O Real foi criado com um critério louvável. Foi uma verdadeira gestação.

Lembro-me da tarde que passei diante da televisão esperando a publicação da última URV (Unidade Real de Valor) a pedido do meu irmão, economista, que estava no trabalho.

Quando telefonei dando a notícia, exclamou: – Que bom, agora temos Moeda!

Aqui está o ponto inicial do Projeto.

O Presidente do Banco Central e o do Tribunal de Contas da União só podem ser substituídos no terceiro ano de cada Governo.

Estes dois Órgãos têm de disponibilizar todos os dados para a elaboração do Projeto.

Um bom Projeto contemplará toda a questão salarial de tal modo que todos os membros do Governo recebam remuneração compatível.

Decidirá, ainda, sobre o salário do trabalhador do setor privado, o qual em nenhuma

circunstância se submeterá aos parâmetros da assistência social.

Com tristeza, verificamos que relevante parcela de nossa população se especializou no desvio e lavagem de dinheiro. Não deveria o Projeto discutir a anexação da Casa da Moeda ao Banco Central?

Quem elaborará o Projeto?

O Projeto de Brasil tem de ser elaborado pelo candidato à Presidência da República, com assessoria do Partido que o indicar.

Necessário é levar em conta que o Presidente governará em consonância com a Casa Civil, o Planejamento e a Fazenda.

Um grande facilitador do processo seria a eleição de três (3) Vice-presidências: 1ª Vice-presidência – Casa Civil. 2ª Vice-presidência – Planejamento. 3ª Vice-presidência – Fazenda.

A cada Vice-presidente seria permitida a escolha de um Secretário da mesma área técnica, que o substituiria nos impedimentos.

A cada Vice-presidente seria permitida a escolha de um Secretário da mesma área técnica, que o substituiria nos impedimentos.

Todos os Órgãos do Governo têm de ser submetidos a um pré-desenho – número certo de vagas.

O funcionalismo terá como exigência o Concurso Público e se submeterá a Regime Próprio.

Já aos Cargos de Governos por Eleição e aos Cargos de Governo por Indicação,

se restringirá a eles, tanto quanto possível a feição de emprego público – será uma prestação de serviço de excelência ao país.

Nenhum candidato eleito ou derrotado nas eleições para determinado Governo poderá ser convidado para ocupar outro cargo no mesmo.

O único critério admitido no resultado das eleições será o número individual de votos obtido pelo candidato.

Nos Cargos por Indicação, a escolha será do Presidente da República a partir de lista triplíce elaborada pelos Pares – Ordens, Conselhos, Fundações, Federações, Institutos, Universidades.

Organizada a Casa, há o encaminhamento das Grandes Questões Nacionais.

– Homologuem-se as Terras dos Índios. Depois eles dirão o que o Governo pode fazer por eles.

– Garanta-se a propriedade das Terras Quilombolas. Depois pergunte-se o que desejam os brasileiros de cor preta para terem uma vida melhor.

– Um brasileiro analfabeto, desdentado, maleitoso ou chagásico está habilitado a quê? – A ser escravo. Não nem mesmo ser malandro.

Porque, como diz o nosso poeta maior do cotidiano, preciso ter:

“muita malícia;

perna comprida pra... fugir da Polícia”.

Abigayl Lea da Silva

A vós suspiramos neste vale de lágrimas

Maria das Dores era o seu nome, uma mulher ainda jovem e muito bonita. Encontrei-a com suas crias, estava deitada na única cama que existia em seu paupérrimo casebre. Dava seus últimos suspiros.

Fui modista desde a juventude. Parei de costurar apenas quando já não podia enxergar, disse-me dona Luzia, aos 88 anos quando a visitei. Filha de imigrantes italianos, orgulha-se de ter sido concorrida costureira. Fez patrimônio e estudou os filhos com ganhos obtidos de encomendas das senhoras da sociedade da época. Fazia alta-costura, vestidos requintados, luxuosos. A mortalha de Maria das Dores, porém, foi seu trabalho mais importante, contou-me.

Andando pelas ruas, um tanto apressada por conta de afazeres, viu-se diante de um homem em prantos. Sensibilizada, aproximou-se e ofereceu auxílio. Não há mais o que fazer, respondeu ele, e contou o motivo de seu desalento: sua mulher havia sido mãe por três vezes e gerara gêmeos em todas as gestações. Pela quarta vez engravidara e novamente nasceriam gêmeos. Seu desespero foi tamanho ao saber que teria o oitavo filho, que não

pôde mais ter gosto pela vida. Escreveu um bilhete de despedida e fartou-se com formicida. Ouvindo o trágico relato, dona Luzia correu com aquele homem ao casebre e encontrou a comovente cena, no momento de seu desfecho.

Luzia entregou as crianças aos vizinhos, banhou a pobre mulher antes que o cadáver se tornasse gélido e rígido e pediu ao viúvo, que era pedreiro, que fizesse o caixão. Enquanto ele cumpria seu último gesto de amor à esposa, ela foi até sua máquina e costurou uma belíssima mortalha para Maria das Dores. Fez em pano azul – somente as moças virgens podiam usar branco. Enquanto trabalhava a mortalha rezava o rosário e pedia a Nossa Senhora das Dores que não deixasse que se perdesse a alma daquela mulher que havia sido batizada com o nome da Virgem. Dizia à Senhora das Dores: ela traz seu nome, Maria das Dores, não despreze a devoção com que essa menina foi entregue por seus pais, na pia dos batismos, à Senhora, boa Virgem das Dores. Assim, a mortalha foi consagrada enquanto era costurada. Voltando ao triste lar, estava, sobre um banco – o único que

havia naqueles dois cômodos e um pequeno alpendre que abrigavam a pobreza e a dor – um humilde caixão feito de tábuas de construção, para o repouso de Maria.

Revestida com a mortalha e ornada com as flores levadas pelas poucas pessoas que, contrariando os frios costumes cristãos da época, ousaram velar uma suicida, Maria das Dores estava serena e muito bela. Disse Luzia que sentira em seu íntimo que a Virgem Santa havia atendido seus rogos: sua alma não se perdera. A Jovem assemelhava-se à imagem de roca da Virgem das Dores levada em andor na procissão do depósito da segunda-feira santa.

A vida de nosso povo sempre foi muito sofrida, como cantamos na sexta-feira da Paixão: “Há tantas cruces no caminho do teu povo, tua paixão parece acontecer de novo”. Sempre existiram, também, pessoas generosas capazes de consolar, acolher, não condenar, serem solidárias. Pessoas de fé que permitiram que a bondade de Deus estivesse visivelmente presente no mundo, no Vale de Lágrimas em que, não raramente, a vida se transforma.

Pe. Fabrício Beckmann

Fórum Mundial da Água

Será realizado em Brasília, de 18 a 23 de março, o 8º Fórum Mundial da Água, evento que ocorre a cada três anos com o objetivo de aumentar a participação do tema água na agenda política dos governos, além de promover o aprofundamento das discussões, troca de experiências e formulação de propostas concretas para os desafios relacionados aos recursos hídricos.

Tradicionalmente o evento conta com a participação dos principais especialistas, gestores e organizações envolvidas com a questão da água no planeta. A organização dessa edição do Fórum é realizada pelos governos federal e do Distrito Federal e pelo Conselho Mundial da Água.

O Fórum não é um evento científico, não terá somente cientistas, pesquisadores e acadêmicos. Nele estarão reunidos governantes, especialistas e a população. A participação do cidadão é esperada e estimulada para se elaborar os debates do encontro. São esperadas cerca de 40 mil pessoas de mais de cem países na Capital Federal.

O Fórum é uma oportunidade para

a população discutir o uso da água com políticos, empresários e especialistas no tema. É também momento oportuno para uma reflexão sobre esse bem tão precioso, essencial à vida, cuja disponibilidade vem diminuindo de maneira assustadora em todo o mundo.

O Brasil, sede do 8º Fórum Mundial da Água, é um dos países mais ricos em água doce do planeta. Temos, em nossos rios, 12% de toda a água doce dos rios da Terra. Temos a maior rede de bacias hidrográficas do mundo, uma riqueza imensa de água subterrânea, e somos o único país de dimensões continentais, com chuvas periódicas ou esporádicas em todos os estados. De maneira irresponsável, no entanto, estamos degradando violentamente nossos mananciais. Pesquisas mostram que 70% dos rios brasileiros estão poluídos e há lugares em que as águas do subsolo também estão poluídas. Há falta de água em muitas cidades. Na região semiárida, crianças e até adultos morrem de sede ou por doenças veiculadas pela água.

Comemora-se, no dia 22 de março, durante o Fórum, o Dia Mundial da Água. A sociedade é chamada a tomar atitudes responsáveis frente aos problemas relacionados a esse precioso líquido. Cada município brasileiro deveria manter um fórum permanente para que o tema água fosse discutido e solucionado. A disponibilidade e a qualidade dos recursos hídricos estão intrinsecamente ligadas às florestas que protegem as nascentes e os mananciais e os mantêm limpos. A cobertura florestal melhora o processo de infiltração e armazenamento da água, além de diminuir o escoamento superficial, que, se não for adequado, causa enchentes. São necessárias, portanto, políticas ambientais e ações voltadas para a preservação de nossos mananciais, a recuperação de matas ciliares e de áreas degradadas, bem como a eliminação da poluição e do desperdício. O envolvimento de todos é determinante para se atingir esse objetivo. Todos podem e devem se engajar nessa cruzada que irá garantir água de qualidade para esta e as futuras gerações.

